

Recebido em jul. 2015
Aprovado em out. 2015

ADAM SMITH FILÓSOFO DA TÉCNICA

JADIR ANTUNES *

RESUMO

Nosso artigo tem como objetivo analisar a visão de Adam Smith sobre o papel da técnica na formação do mundo moderno. Em nosso entendimento há pelo menos cinco atitudes distintas em relação à técnica: a antiga, a romântica, a moderna, a marxista e a contemporânea. Nosso artigo mostrará a filiação de Adam Smith com a terceira.

PALAVRAS-CHAVE

Adam Smith. Filosofia da técnica. Iluminismo. Progresso técnico.

ABSTRACT

Our paper intends analyze the Adam Smith's vision about the role of technique in the modern world. In our view there are at least five distinct attitudes toward the technique: the ancient, the romantic, the modern, the Marxist and the contemporary. Our paper will show Adam Smith's affiliation with the third.

KEYWORDS

Adam Smith. Philosophy of technique. Enlightenment. Technical progress.

* Doutor em Filosofia pela Unicamp e Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Filosofia da Unioeste - PR.

INTRODUÇÃO

Nosso artigo tem como objetivo analisar a visão de Adam Smith sobre o papel da técnica na formação do mundo moderno. Para isso, analisaremos sua obra mais importante nesta questão: *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. Para um entendimento mais preciso do pensamento de Smith será fundamental levarmos em conta os seguintes aspectos presentes na modernidade e já observados por ele. Em comparação com as sociedades antigas, a sociedade moderna foi 1) a primeira a apoiar-se inteiramente na mecanização do processo de trabalho e a desenvolver uma ciência dedicada a essa mecanização; 2) a primeira a levar a divisão social do trabalho ao seu grau mais extremo de desenvolvimento; 3) a primeira a apoiar-se completamente no mercado mundial e em relações sociais monetarizadas e abertas para o estrangeiro; 4) a primeira a fazer da técnica um princípio legítimo da vida e da razão humanas.

CINCO ATITUDES FILOSÓFICAS DISTINTAS DIANTE DA TÉCNICA

A reflexão filosófica sobre a técnica pode ser dividida, grosso modo, em cinco atitudes distintas. A primeira destas atitudes é a dos antigos, a segunda é a romântica, a terceira é a moderna, a quarta é a marxista e a quinta é a contemporânea.

Os filósofos antigos, especialmente Aristóteles¹, dividiam a ação humana em duas modalidades

1 Vide Carmen Innerarity. La comprensión aristotélica del trabajo. Espanha: Universidade de Navarra. Anuario Filosófico. 1990; 23(2): 69-108.

distintas: a da *práxis* e a da *poiésis*. Por *práxis*, Aristóteles entendia toda ação cuja finalidade fosse imanente à própria ação praticada. Como exemplo dela Aristóteles citava ações tais como ver e viver. Por *poiésis*, entendia todas aquelas ações transitivas que se objetivavam em determinados produtos situados fora da ação praticada. A ação de fabricar é uma *poiésis* porque no final do processo surge um resultado diferente da ação praticada sob a forma de artefato, como na arte da fabricação de uma mesa, onde a ação de fabricar não é a mesma coisa que a mesa fabricada.

O pensar, como o ver e o viver, por isso, são diferentes do fabricar, porque os primeiros são uma *práxis* que nunca se objetiva em produtos enquanto o último é uma *poiésis* que visa objetivar-se na forma de artefatos. A partir deste critério, Aristóteles defendia a ideia de que a ação de pensar, por natureza, é superior à ação de fabricar. O pensamento e a ação de pensar são atividades simultâneas que jamais se objetivam em produtos. Por isso, Aristóteles entendia que o próprio do homem era o pensar e não o fabricar, pois fabricar é uma ação instrumentalizada que visa fins que se situam para além da própria ação. Como a *práxis* não se objetiva em artefatos ou produtos, ela não poderia ser acumulada e entesourada. Enquanto a *poiésis* visaria enriquecer o homem materialmente, a *práxis* visaria enriquecê-lo espiritualmente enchendo-o de sabedoria. A verdadeira vida humana, no entendimento de Aristóteles, seria, por isso, uma ação, uma *práxis*, e não uma *poiésis* e uma produção. Ao homem livre caberia uma vida fundada na *práxis* e na contemplação.

A vida como produção seria, segundo ele, uma vida apropriada a escravos e homens sem dignidade.

Este esquema pessimista sobre a técnica e o trabalho, ainda que apareça melhor desenvolvido em Aristóteles, poderia ser considerado, no entanto, como o esquema geral do pensamento filosófico grego acerca das artes da produção em sua fase clássica. Tal esquema foi mais tarde adotado por toda a tradição romana e medieval de filosofia, perdurando até o início da modernidade.

A segunda atitude do pensamento filosófico sobre a arte é a romântica. Para os românticos, de maneira geral, como para os filósofos antigos, a vida verdadeiramente humana seria aquela vida do homem rural, seria aquela vida humana integrada aos fenômenos naturais do mundo. Neste modo de vida, segundo a nostalgia romântica, não haveria ciência nem técnica, por isso, nele o homem viveria uma vida de simplicidade e harmonia com todos os entes ao seu redor. Longe dos artefatos técnicos e das facilidades inúteis trazidas por estes artefatos, o homem seria mais humano e estaria mais próximo do divino. Como exemplo desta atitude diante da técnica, podemos citar J-J Rousseau².

A terceira atitude em relação à técnica e ao trabalho é a dos filósofos modernos, como Adam Smith. Com a revolução moderna, o mundo da natureza e do

2 Vide Jean-Jacques Rousseau: *Discurso sobre a ciência e as artes e Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens* (Coleção Os Pensadores. Rousseau. v. II. São Paulo: Nova Cultural, 1999), onde Rousseau atribui ao surgimento das artes técnicas a origem da corrupção moral do homem.

trabalho, e das ciências ligadas a este mundo, passou a se constituir no único mundo possível e real. Com a crise do modo de vida medieval e das explicações teológicas sobre o mundo, o esforço do homem para dominar a natureza e enriquecê-lo materialmente passou a ser concebido como o esforço próprio da vida humana. Todo esforço dedicado ao ócio contemplativo dos antigos, por isso, passava a ser visto como improdutivo e próprio de homens preguiçosos e desocupados.

Se no mundo antigo a virtude humana estava associada às virtudes intelectuais do homem contemplativo, no mundo moderno a dedicação a estas atividades improdutivas já era vista como uma atividade imoral e imprópria ao bem viver do homem. A excelência humana agora com a modernidade passaria a ser aquela associada ao trabalho e à produção da riqueza. Como veremos em nosso artigo, o discurso de Adam Smith é o discurso do homem moderno, do homem esclarecido pela ciência, do homem que deseja um progresso técnico infinito e variado, de um progresso que seja capaz de criar riqueza em abundância para toda a sociedade.

A quarta atitude em relação à técnica e ao trabalho é a marxista. A posição de Marx diante da técnica pode ser descrita como crítica e revolucionária. Segundo Marx, a ação de transformar a natureza e de fabricar ferramentas em vista desta transformação é o que existe de mais próprio ao viver do homem³. O homem, segundo Marx, é um ser que fabrica

3 Vide Karl Marx: A IDEOLOGIA ALEMÃ. São Paulo: Boitempo, 2007; O CAPITAL – Livro I. São Paulo: Abril Cultural, 1988.

ferramentas e não haveria como explicar científica e filosoficamente a existência humana separada das artes de fabricar. Segundo Marx, fabricar ferramentas é o ato pelo qual o homem se torna homem e se distingue dos animais e da natureza.

Ao fabricar suas ferramentas de trabalho o homem fabrica a si próprio como homem, por isso, exigir do homem que não se desenvolva tecnologicamente seria o mesmo que exigir que ele não fosse o que é. No capitalismo, porém, todos os artefatos mecânicos e tecnológicos são desenvolvidos e controlados pelo capitalista, que os emprega em vista da acumulação privada de riqueza. Deste modo, ao desenvolver as ciências e os sistemas mecânicos de produção, o capitalista desenvolveria novas formas de exploração da natureza e do trabalho, as fontes originais e verdadeiras da riqueza. O problema da técnica, por isso, segundo Marx, não seria um problema de natureza científica, mas, sim, política. A crítica filosófica da técnica deveria ser, por este motivo, a crítica revolucionária do capitalismo em seu conjunto e não a de um ou outro aspecto isolado da técnica e dos artefatos produzidos por ela.

A quinta atitude é a dos filósofos contemporâneos. A partir da metade do século XX e da experiência devastadora da II Guerra Mundial, filósofos como Heidegger⁴, Ortega y Gasset e Gilles Deleuze⁵, entre

4 Vide Martin Heidegger: A questão da técnica. CADERNOS DE TRADUÇÃO n. 2. DF/USP, 1997. Eládio Pablo Craia: HEIDEGGER E A TÉCNICA: sobre um limite possível. Curitiba: Revista de Filosofia Aurora. V. 25, n. 36, p. 241-264, jan./jun. 2013.

5 Vide Eládio Pablo Craia: GILLES DELEUZE E A QUESTÃO DA TÉCNICA. Curitiba: REVISTA DOIS PONTOS. v. 8, n. 2, p. 131-155, out. de 2011.

outros, passaram a se perguntar não mais pelos usos e vantagens da técnica para a vida humana, da aplicação do saber mecânico e científico ao mundo da produção e da satisfação das necessidades humanas, como de maneira geral entenderam os modernos, mas pelo sentido radical e ontológico da técnica. Uma vez que vivemos em um mundo essencialmente técnico, tornou-se filosoficamente relevante se perguntar pelo real e profundo sentido da técnica e dos artefatos fabricados por ela. Uma vez que o mundo contemporâneo chegara ao ponto culminante de sua história fundada na técnica, ao ponto de revelar e dominar tão profunda e perigosamente as leis da natureza, chegando à fabricação de poderosos instrumentos de controle e destruição da vida, tornou-se profundamente necessário refletir sobre a essencialidade da técnica, sobre sua finalidade e suposta necessidade para a vida humana. Segundo esta atitude contemporânea, o essencial da reflexão filosófica sobre a técnica não se limitaria mais ao entendimento de seu caráter instrumental e utilitário, mas se limitaria, sobretudo, ao entendimento do caráter de verdade revelado pela técnica moderna e do mundo que ela produzia.

ADAM SMITH E A DIVISÃO DO TRABALHO

Como já dissemos, Adam Smith é um homem moderno preocupado com o problema de como desenvolver a riqueza da sociedade. A riqueza de uma nação, segundo ele, está em relação direta com o grau de desenvolvimento da divisão social do trabalho. As diferentes sociedades e as diferentes etapas de seu desenvolvimento podem ser compreendidas a partir

do critério da divisão social do trabalho. Deste modo, quanto mais desenvolvida esta divisão mais rica e mais próspera será a sociedade.

Para esclarecer esta regra, Smith analisava a arte da fabricação de alfinetes. Partindo do fato de que a arte da fabricação deste artigo compõe-se de dezoito operações diferentes e complementares, como as de desenrolar o fio de aço, cortá-lo em pedaços, lixá-lo, poli-lo, afiar suas pontas etc., Smith demonstrava que a manufatura mais desenvolvida e moderna seria aquela que decompusesse estas dezoito operações em dezoito partes independentes praticadas por dezoito operários diferentes.

Estes dezoito operários, repartidos em distintas operações e treinados para executar e repetir sempre uma mesma e única tarefa, produziriam uma quantidade de alfinetes muito superior à quantidade produzida por dezoito operários que dominassem a totalidade das dezoito operações sem se dividir e sem se especializar em nenhuma delas em particular. Assim, diz Smith, “a divisão do trabalho, na medida em que pode ser introduzida, gera, em cada ofício, um aumento proporcional das forças produtivas do trabalho [the productive powers of labour]”⁶.

Desta maneira, uma sociedade fundada sobre a divisão social do trabalho e a especialização do trabalhador numa única tarefa individual seria infinitamente mais rica e desenvolvida que uma

6 Adam Smith: A RIQUEZA DAS NAÇÕES. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 42. AN INQUIRY INTO THE NATURE AND CAUSES OF THE WEALTH OF NATIONS [WN]. v. I. Indianapolis: Liberty Classics, 1981, p. 15.

fundada sobre a agricultura e o trabalho rural, pois nesta última o trabalho não comporta tantas divisões quanto as que comportam as manufaturas urbanas. O progresso econômico, por isso, será maior nas cidades do que no campo e nas nações manufatureiras do que nas agrícolas. A consequência inevitável deste progresso observado por Smith era a substituição do sistema artesanal independente pela grande manufatura sob controle e propriedade de um patrão capitalista, e a substituição do artesão independente pelo trabalhador assalariado.

VANTAGENS DA DIVISÃO DO TRABALHO

As vantagens da manufatura capitalista sobre o campo e o artesanato independente se devem, segundo Smith, a três fatores importantes: 1) à maior destreza desenvolvida pelo trabalhador individual; 2) à diminuição, ou eliminação, do tempo perdido pelo artesão independente quando passa de uma operação para outra; 3) ao emprego de máquinas na produção.

A primeira vantagem se explica pelo fato de que quando um trabalhador se dedica à execução de uma única tarefa, quando se dedica a um único ramo da produção e se especializa neste ramo, seu trabalho torna-se mais eficiente e produtivo quando comparado com aquele que não se especializou. Por isso, aperfeiçoar a destreza manual do trabalhador, treiná-lo para o trabalho parcializado e repetitivo, tornar este trabalhador mais ágil, mais hábil e mais rápido no trabalho deveriam ser a meta de toda sociedade que desejasse tornar-se rica e poderosa. Como diz Adam Smith, “a divisão do trabalho, reduzindo a atividade

de cada pessoa a alguma operação simples e fazendo dela o único emprego de sua vida, necessariamente aumenta muito a destreza do operário [the dexterity of the workman]⁷.

Ao simplificar a operação realizada pelo operário especializado, a divisão manufatureira do trabalho também simplifica todo o processo de formação deste operário para o trabalho. Se nos sistemas antigos de produção eram exigidos do jovem operário longos anos de aprendizagem prática para o trabalho, no sistema moderno o jovem operário aprende sua nova tarefa simplificada com poucas horas de aprendizagem. Se no sistema de fabricação antigo de alfinetes era exigido do jovem operário que ele aprendesse dezoito operações diferentes, agora no novo sistema será necessária a aprendizagem de uma única operação simplificada.

A segunda vantagem⁸ se explica pela circunstância de que quando o trabalhador domina e controla ele próprio todas as etapas do processo de trabalho, é normal que ocorra perda de tempo na passagem de uma tarefa para outra, é normal que haja perda de eficiência nesta passagem, pois o corpo, os sentidos e o cérebro do trabalhador precisam adaptar-se a estas alterações. O trabalhador dos sistemas antigos de trabalho, ao mudar de atividade precisava deslocar-se improdutivamente no espaço, gastando tempo e energias neste deslocamento. Ao precisar manejar uma nova ferramenta, o trabalhador também gastava tempo improdutivamente adaptando-se a ela.

7 Op. cit., p. 44. WN, p. 18.

8 Op. cit., p. 44. WN, p. 18.

No campo, este desperdício é ainda maior quando o trabalhador passa de uma atividade rural para uma atividade artesanal, como ocorre quando ele larga a enxada para pegar a tesoura e a agulha e dedicar-se às atividades de fabricar sua própria roupa e seu próprio calçado. No campo, por isso, segundo Smith, o desperdício de tempo e a dispersão do trabalhador são muito maiores que nas atividades artesanais da cidade, porque além de um deslocamento corporal e espacial maior, o trabalhador também desloca seu intelecto e seus sentidos na direção de múltiplas e distintas operações sem relação alguma entre si. Com a dedicação do trabalhador a uma única e mesma tarefa, pelo contrário, não haveria necessidade de mudanças de uma operação para outra, não haveria, portanto, tempo gasto nesta adaptação, o que tornaria o trabalhador mais eficiente e produtivo, segundo Smith. E para a modernidade, ainda segundo Smith, tudo o que importa é aumentar esta eficiência e produtividade.

Esta segunda vantagem se explica facilmente pelo seguinte motivo. No campo, as diversas regiões da natureza são dominadas por um único representante da espécie humana, o camponês, que domina e explora tanto a pecuária quanto a agricultura, assim como as mais diversas regiões da artesanaria, como a fabricação de instrumentos de trabalho, de transporte e vestuário. No campo, portanto, as diversas regiões e domínios da natureza, tanto a natureza viva, animal e vegetal, quanto a natureza mecânica, são dominadas por um único homem que trabalha isoladamente. Com

a divisão social do trabalho, todas estas diferentes regiões da natureza passam a ser dominadas por diferentes trabalhadores, cada um deles especializado em desvendar os mistérios destas regiões e em dominar com maior perfeição todas as forças da natureza. Para o camponês, ao contrário, acostumado a ocupar-se do domínio de um vasto campo da natureza, estes mistérios aparecem-lhe como absolutamente encobertos e impossíveis de serem desvendados pela racionalidade humana. Ao provocar a divisão social do trabalho, o homem aparece, assim, diante da natureza, como seu *dominus*, e ela, como uma dama fiel, abre a ele todos os segredos de sua existência.

A terceira vantagem⁹, segundo Smith, se explica pelo emprego de maquinaria na produção. Em sua visão, a divisão social do trabalho estimula o desenvolvimento e o emprego de máquinas na produção que aliviam o fardo do trabalho para o trabalhador. Quando a atenção do trabalhador está dirigida para muitas atividades diferentes ele não se preocupa com a invenção de máquinas que venham a facilitar sua tarefa. Quando, porém, este trabalhador dirige suas atenções para uma única e mesma atividade surge nele o interesse em inventar máquinas que aliviem o seu esforço. Segundo Smith, estes operários parcializados, agora submetidos à autoridade de um patrão e ao despotismo da divisão social do trabalho, se interessam em inventar instrumentos de produção que tornem seu trabalho mais leve e menos penoso.

9 Op. cit., p. 44. WN, p. 19.

Evidentemente, ao se referir às máquinas como instrumentos que operam em vista da facilitação do trabalho do trabalhador, Smith não estaria se referindo aos sistemas mecânicos de produção desenvolvidos a partir da Revolução Industrial inglesa. Smith é um homem pré-revolução e, por esse motivo, conheceu apenas o sistema manufatureiro de trabalho, o sistema pré-industrial que se apoiava nas habilidades individuais do trabalhador para o trabalho, e não ainda o sistema articulado de máquinas a vapor da revolução que se desenvolveria a partir do final do século XVIII, como os teares mecânicos da indústria têxtil. As máquinas às quais Smith se refere são, certamente, aquelas grandes máquinas herdadas da Idade Média, tais como o moinho mecânico e a roda d'água – e inventos semelhantes, como as primeiras bombas d'água de combate à incêndio citadas por ele.

Como diz Smith:

Nas primeiras bombas de incêndio um rapaz estava constantemente entretido em abrir e fechar alternadamente a comunicação existente entre a caldeira e o cilindro, conforme o pistão subia e descia. Um desses rapazes, que gostava de brincar com seus companheiros, observou que, puxando com um barbante a partir da alavanca da válvula que abria essa comunicação com um outro componente da máquina, a válvula poderia abrir e fechar sem ajuda dele, deixando-o livre para divertir-se com seus colegas.¹⁰

O motor a vapor e o sistema de máquinas automatizadas que será inventado a partir dele, e que

10 Op. cit., p. 45. WN, p. 20.

roubará do trabalhador toda distração e tempo livre durante o trabalho, são ainda desconhecidos para sua época.

A terceira vantagem trazida pela divisão do trabalho seria a valorização do saber técnico e mecânico do trabalhador para o trabalho. Desprestigiadas pelos antigos sistemas de pensamento, as atividades intelectuais voltadas para o desenvolvimento das ciências naturais e da mecânica passam agora com a modernidade a adquirir o status de ciências filosóficas, diz Smith. O saber empírico dos engenheiros mecânicos passa, assim, à consideração de saber científico e filosófico pelo mundo moderno.

Os engenheiros mecânicos fabricantes de máquinas transformam-se, deste modo, em profissionais respeitados e requisitados pela sociedade. E ao lado dos fabricantes de máquinas estarão respeitadamente colocados os filósofos e pesquisadores, estarão aqueles, segundo Smith, “cujo ofício não é fazer as coisas, mas observar cada coisa [not to do any thing, but to observe every thing], e que, por essa razão, muitas vezes são capazes de combinar entre si as forças e poderes dos objetos mais distantes e diferentes”¹¹.

O mesmo princípio moderno que rege a divisão do trabalho fabril, assim como as mesmas vantagens, toma conta também do trabalho intelectual.

Como diz Adam Smith:

Com o progresso da sociedade, a filosofia ou pesquisa [philosophy or speculation] torna-se, como qualquer ofício, a ocupação principal ou

11 Op. cit., p. 45. WN, p. 21.

exclusiva de uma categoria específica de pessoas. Como qualquer outro ofício, também esse está subdividido em grande número de setores ou áreas diferentes, cada um dos quais oferece trabalho a uma categoria especial de filósofos [a peculiar tribe or class of philosophers]; e essa subdivisão do trabalho filosófico, da mesma forma como em qualquer outra ocupação, melhora e aperfeiçoa a destreza e proporciona economia de tempo.¹²

A divisão do trabalho intelectual e o surgimento da ciência e da mecânica produzem, assim, um exército incalculável de investigadores da natureza, um exército incalculável de homens inteiramente ocupados em desvendar todos os mistérios da natureza, em tirar de seu encobrimento todos os mais profundos segredos da natureza, viva ou mecânica, oferecendo ao exército de trabalhadores manuais ocupados pela indústria, a possibilidade do homem dominar e submeter completamente os mais diversos domínios e regiões da natureza.

O mundo moderno, nas palavras realistas de Smith, destituiu, assim, o filósofo dos altares de sua especulação metafísica sobre a natureza e a realidade humana, dessacralizou impiedosamente a atividade filosófica, a paganizou e a converteu em mais uma atividade produtiva como outra qualquer. Como qualquer outro ofício, criou-se, assim, com o mundo moderno um exército de investigadores da natureza e da realidade humana que passou a usufruir de todas as vantagens, e desvantagens, do novo sistema de trabalho.

12 Op. cit., p. 45. WN, pp. 21-22.

Essa especialização para toda a vida da ciência e do cientista num determinado campo de pesquisa, esse aperfeiçoamento das atividades intelectuais do filósofo, da natureza ou não, essa concentração de esforços num único objeto por toda a vida, essa economia de tempo da nova pesquisa filosófica, essa não dispersão dos sentidos e da inteligência do intelecto científico e filosófico humano, essa submissão da atividade filosófica ao mundo da riqueza e da produção, como demonstra a análise de Smith, é inseparável da divisão fabril do trabalho instaurada com a modernidade.

Com a modernidade a antiga distinção entre saber empírico, arte, *episteme*, filosofia e saber contemplativo passou a não ter mais nenhum sentido. Com a modernidade, todos os saberes, sejam práticos, produtivos ou contemplativos, foram postos no mesmo patamar de igualdade e dignidade e transformados em saberes práticos e em vista da desocultação e dominação da natureza e da ação produtiva da fábrica.

EFEITOS DA DIVISÃO DO TRABALHO

Seja no âmbito prático e produtivo seja no âmbito científico e filosófico, o resultado necessário e inevitável da divisão social do trabalho, como observa Smith, é a conversão do trabalho individual em trabalho coletivo e o desenvolvimento da cooperação e da dependência recíproca dos trabalhadores e dos diferentes ramos da produção entre si. Com a divisão manufatureira do trabalho, diz Smith, o trabalho livre e independente do sistema artesanal se converte em trabalho cooperativo e social. Assim, diz Smith, “o casaco de lã, por exemplo, que o trabalhador usa para agasalhar-se, por mais rude

que seja, é o produto do trabalho conjugado [the joint labour] de uma grande multidão de trabalhadores [a great multitude of workmen]”¹³.

Os produtos consumidos pela sociedade deixam, assim, de ser o produto de um trabalhador individual para serem o resultado final da articulação de muitas profissões distintas e de uma multidão de trabalhadores, manuais e intelectuais, que trabalham combinadamente entre si. A divisão manufatureira produz, deste modo, não só a parcialização do trabalhador individual, mas, ao mesmo tempo, o seu efeito contrário: a reunião e a combinação dos diferentes trabalhadores entre si trabalhando em vista de um mesmo resultado final.

Com a instauração do sistema de produção moderno, todos os diferentes ramos do trabalho passam, assim, a operar combinadamente entre si em vista da produção de um mesmo artigo e de uma mesma finalidade. Com a modernidade, todos os diferentes pontos do planeta e da sociedade, desde os mais dispersos e distantes até os mais próximos do mercado de consumo, passam a se comunicar entre si através do sistema da divisão social do trabalho e o mundo se torna, então, uma única e gigantesca nação manufatureira.

Com a emergência do sistema moderno, todos os diferentes produtores individuais, livres e independentes dos sistemas antigos são arruinados e cedem lugar a uma associação mundial para o trabalho. E nesta associação, devem ofertar suas habilidades profissionais e trabalhar em vista da produção de

13 Op. cit., p. 46. WN, p. 22.

um único e mesmo artigo em comum. Este novo sistema de produção gera, segundo Smith, não apenas mais riqueza que os sistemas antigos, mas gera, sobretudo, novas riquezas e novas atividades antes desconhecidas. Novas profissões e novos produtos são então inventados todos os dias dentro deste sistema de trabalho mundialmente combinado.

O mundo moderno torna-se, assim, muito mais rico não apenas quantitativamente, mas, sobretudo, qualitativamente, em comparação com os sistemas antigos, em razão da grandeza e variedade de produtos e atividades que produz. Como diz Smith:

Calcule-se quanto comércio e quanta navegação... devem ter sido necessários para juntar os diferentes tipos de drogas ou produtos utilizados para tingir, drogas essas que geralmente vêm dos recantos mais longínquos da terra! Quão grande é também a variedade de trabalho necessária para produzir as ferramentas do menos categorizado desses operários.¹⁴

Desse modo, se fizéssemos uma análise pormenorizada sobre a origem de cada uma das peças que se combinaram para a produção de um artigo de consumo qualquer, acabaríamos descobrindo de quão distante elas são e de quão estranhos são os costumes dos trabalhadores que as fabricaram. Neste produto final, seja ele um talher de cozinha, uma peça de roupa, um calçado, um alimento, um instrumento de trabalho, um meio de transporte ou uma simples agulha de costurar, descobriríamos que todas as distâncias e todas as diferenças humanas

14 Op. cit., p. 46. WN, p. 23.

foram superadas e combinadas entre si. Se fizéssemos uma análise detalhada e minuciosa, descobriríamos que em todo e qualquer produto fabricado neste novo sistema estarão industrialmente combinados todos os diferentes talentos artísticos e os mais variados ofícios da humanidade. Como diz Smith, “se examinarmos todas essas coisas e considerarmos a grande variedade de trabalhos empregados em cada uma dessas utilidades, perceberemos que sem a ajuda e cooperação [the assistance and cooperation] de muitos milhares não seria possível prover as necessidades, nem mesmo de uma pessoa de classe mais baixa de um país civilizado”¹⁵.

Ainda que à custa do trabalhador individual, com o sistema manufatureiro e a divisão social do trabalho a modernidade inventa, assim, um sistema de vida e de produção muito mais rico e variado que os sistemas antigos. O defeito dos sistemas antigos de trabalho, segundo a análise de Smith, era o de combinarem os princípios da liberdade e da autonomia do trabalhador com os da maior dispersão, maior desatenção, menor eficiência e menor variedade no trabalho.

O mundo moderno, segundo Smith, funda um sistema superior de trabalho e de vida porque desenvolve e combina entre si os princípios da maior concentração e expansão, maior unidade e variedade, maior eficiência, atenção e precisão, e maior multiplicação e proliferação das artes e das ciências voltadas para a dominação da natureza, para o desvelamento de seus segredos e mistérios, para

15 Op. cit., pp. 46/47. WN, p. 23.

a formação de um novo saber e a disponibilização deste saber para a produção da riqueza. Nos sistemas antigos de trabalho e de pensamento, o saber humano e filosófico tinha um caráter meramente contemplativo e moral, sua meta era, por isso, a de apenas elevar moralmente o homem. Para o mundo moderno nada disso mais faz sentido, para ele, todo saber deve ser um saber prático, científico, produtivo e em vista da utilidade humana.

ORIGEM DA DIVISÃO DO TRABALHO

Segundo o entendimento de Smith, a divisão do trabalho não possuiria origem na sabedoria humana, numa sabedoria que preveria e visaria esta riqueza à qual dá origem. Segundo ele, a divisão do trabalho teria origem numa certa tendência ou propensão existente na natureza humana que não tem em vista fazer uso próprio e direto dos objetos fabricados. De acordo com ele, essa divisão teria origem na natural e inevitável propensão humana [a certain propensity in human nature], a intercambiar permutar ou trocar uma coisa pela outra [the propensity to truck, barter, and exchange one thing for another]¹⁶. Tal tendência, por ser imanente à natureza humana, estaria presente, então, em todos os homens [it is common to all men], em todas as partes e em todas as épocas. Essa mesma tendência, por ser própria do homem, seria aquilo que o distinguiria dos animais. Seguindo a tradição contratualista inglesa de sua época, o homem se distinguiria dos animais por essa capacidade de

16 Op. cit., p. 49. WN, p. 25.

estabelecer consensos e contratos comerciais entre si através da linguagem.

Os animais, ainda que vivam em bandos como o homem, ainda que atuem de comum acordo para a caça e a consecução de certas finalidades, não possuem linguagem nem estabelecem contratos entre si, não fazem acordos conscientes nem desejam enriquecer através destes acordos como os homens. Ainda que por vezes os animais se pareçam com os homens ao atuarem combinadamente em vista de obter determinados fins, esse acordo “não é efeito de algum contrato, senão da concorrência casual de seus desejos [their passions] acerca do mesmo objeto naquele momento específico”¹⁷.

Assim, segundo Smith, a divisão do trabalho teria origem numa certa propensão humana para a troca. Esta propensão natural, segundo seu entendimento, desperta nos diferentes indivíduos o interesse em se especializar e em educar seu corpo, seus sentidos e seu intelecto a um determinado ofício, àquele ofício onde descobrisse possuir as melhores vantagens competitivas, o melhor talento e a melhor habilidade. Essa propensão natural para a troca desenvolveria, então, a multiplicidade e a variedade de talentos e ofícios na sociedade, tornando a diferença, e não a igualdade, uma coisa útil e boa para todos.

Smith compara o desenvolvimento destes diferentes talentos e ofícios entre os homens com os talentos encontrados nos animais. Entre os animais, por não haver troca, não há usufruto comum dos diferentes

17 Op. cit., p. 49. WN, pp. 25-26.

talentos e habilidades individuais de uma mesma espécie. Para demonstrar esta tese, Smith apresenta o exemplo dos cães. Entre eles, diz Smith, a força do mastim não se beneficia em nada da velocidade do galgo, da sagacidade do *spaniel* ou da docilidade do cão pastor. “Cada animal, individualmente, continua obrigado a ajudar-se e defender-se sozinho, não dependendo um do outro, não auferindo vantagem alguma da variedade de talentos com a qual a natureza distinguiu seus semelhantes”¹⁸.

Entre os homens, pelo contrário, as diferenças de talento e habilidade são usufruídas universalmente através das relações de produção e de troca entre os diferentes indivíduos.

Como diz Smith:

Entre os homens os caracteres e habilidades mais diferentes são úteis uns aos outros; as produções diferentes dos respectivos talentos e habilidades, em virtude da capacidade e propensão geral ao intercâmbio, ao escambo e à troca, são como que somados em um cabedal comum, no qual cada um pode comprar qualquer parcela da produção dos talentos dos outros, de acordo com suas necessidades.¹⁹

Nos animais, diz então Smith, as diferenças são naturais e estáticas e não trazem nenhuma vantagem à espécie e aos indivíduos. Nos homens, pelo contrário, as diferenças são sociais, pois são o produto da educação e dos costumes, pois são o produto de uma deliberação, e trazem vantagens não apenas aos

18 Op. cit., p. 51. WN, p. 30.

19 Op. cit., p. 51. WN, p. 30.

indivíduos, mas, sobretudo, à espécie, na medida em que todos podem, de acordo com suas necessidades e seu poder de compra, se apropriar das habilidades e talentos dos outros através da troca.

A DIVISÃO DO TRABALHO LIMITADA PELA EXTENSÃO DO MERCADO

Uma vez mostrada a origem da riqueza e as vantagens da divisão do trabalho na sociedade, Smith se preocupa, então, em mostrar como a sociedade poderá usufruir, permanentemente, destas vantagens. Como já foi demonstrado anteriormente, o campo não é o melhor lugar para o progresso da riqueza, já que nele a divisão do trabalho é quase impossível, ou, ao menos, muito menor que nas artes desenvolvidas na cidade.

Nos povoados e aldeias o número de ocupações está severamente limitado pela própria natureza e amplitude destes espaços. Certas profissões, sejam elas mais ou menos elevadas socialmente, tais como a de carregador e fabricante de pregos, só podem ser desenvolvidas num grande centro urbano. Uma aldeia é pequena demais para isso, já que nela quase não há, ou há muito pouca, divisão do trabalho, pois nela o trabalhador é ao mesmo tempo açougueiro, padeiro, fabricante de cerveja e carregador de seus próprios produtos até o mercado, quando este existe. Numa pequena aldeia ou povoado dificilmente serão encontrados profissionais especializados nas artes da forja, da carpintaria ou da marcenaria, porque estas atividades, pela sua própria natureza, exigem um mercado comprador muito mais amplo que o

limitado mercado local. No campo, estas diferentes atividades geralmente são desempenhadas pelo mesmo trabalhador.

No campo, o trabalhador é ao mesmo tempo ferreiro, carpinteiro e marceneiro alternando-se dia após dia nestes diferentes ofícios sem entrar em relações de troca com outros trabalhadores, já que sua autossuficiência o torna pouco, ou quase nada, dependente desses trabalhos. Numa pequena aldeia seria impossível haver, por exemplo, um profissional, ou vários deles, dedicando-se exclusivamente a produzir pregos em grande escala, já que no campo, dada a autossuficiência do camponês, a demanda por este produto é muito rara e limitada. O campo, por isso, é um limite para o progresso da divisão do trabalho e das trocas.

Como podemos ver, Smith é um homem moderno, é um homem urbano que nada romantiza sobre a autossuficiência do sistema rural de produção. No campo, por não ser possível a divisão do trabalho, também não será possível haver progresso econômico, científico, tecnológico e cultural segundo a concepção iluminista de Smith. Progresso só poderá haver, portanto, nas grandes aglomerações humanas, nas grandes cidades e nos grandes mercados.

Por isso, diz Smith, será na costa marítima e nas grandes cidades, mais do que no interior, que a técnica, a ciência, o domínio do homem sobre as forças vivas e mecânicas da natureza, a filosofia, a divisão do trabalho e a riqueza farão seus inevitáveis progressos. Será, por isso, nas cidades marítimas, nas

idades abertas para o mar, abertas para o mundo, abertas para os contatos com o estrangeiro, abertas para o comércio mundial, que a vida humana fará seus progressos e o homem desenvolverá plenamente seus poderes técnicos e racionais. É por este motivo, diz Smith, que a história das nações civilizadas começou com a história das cidades localizadas na costa do Mediterrâneo.

Ainda antes da invenção da bússola e de instrumentos científicos e de precisão, ainda numa época em que pela ausência destes artefatos os homens tinham receio de afastar-se da costa e de expor-se às ondas turbulentas do Oceano, ainda numa época dominada pelo medo primitivo do homem pelo mar, pelo medo primitivo de seus monstros mitológicos, o mar Mediterrâneo, diz Smith, por suas águas mansas e amistosas, teria permitido aos povos antigos o desenvolvimento de um incipiente mercado mundial. Mercado que se expandiria lentamente durante toda a história humana até atingir seu auge com os inventos da história e da técnica naval modernas.

Como diz Smith:

No mundo antigo, passar além das colunas de Hércules, isto é, além do estreito de Gibraltar, foi considerado por muito tempo como uma façanha naval altamente perigosa e quase miraculosa. Muito tempo decorreu até que os próprios fenícios e cartagineses, os mais hábeis navegadores e construtores navais dos tempos antigos, tentassem essa façanha; e durante muito tempo foram eles os únicos que assumiram tal risco.²⁰

20 Op. cit., p. 55. WN, p. 34.

Ao contrário dos sistemas econômicos antigos, mais ou menos fechados em si mesmos e avessos ao estrangeiro, o sistema econômico moderno já nasce como um sistema aberto para o mundo e para o estrangeiro. Neste sistema, na verdade, nada mais é estranho e estrangeiro, porque agora nele todas as partes do mundo, desde as mais remotas e atrasadas até as mais desenvolvidas, estão integradas e conectadas num único e mesmo sistema de produção, num único e mesmo sistema de trocas, num único e mesmo modo de vida.

Por isso, ao contrário das filosofias antigas que idealizavam cidades pequenas e isoladas do estrangeiro, de cidades autossuficientes baseadas no trabalho rural e na unidade deste com o trabalho urbano, Smith colocava-se claramente ao lado das grandes cidades e do domínio destas sobre o atraso do interior.

O modo de vida rural parece mais adequado à vida humana porque devido à baixa divisão do trabalho, o homem tem um contato mais direto e original com a natureza e seus elementos. Neste modo de vida, o produtor está permanentemente em contato com as forças vivas da natureza, misturando-se e confundindo-se com elas. O modo de vida urbano e industrializado, pelo contrário, por apoiar-se na mais ampla divisão social do trabalho, parece ter separado o homem de seu contato com a natureza.

A mecanização da produção não abole, porém, o contato do homem com a natureza, a mecanização apenas cria uma série de camadas intermediárias e de

ramos da produção entre o homem e a natureza, dando a falsa impressão de que ambos estão absolutamente separados e incomunicáveis entre si. Desta falsa impressão surge a estranha ideia religiosa de que é necessário reconciliar e restaurar a unidade originária entre homem e natureza. A técnica, porém, jamais separou o homem da natureza, por isso, não há por que querer reconciliá-los. A técnica apenas interpolou entre ambos uma série de mediações – de ramos da produção e de instrumentos mecanizados – que tornaram o domínio do homem sobre a natureza mais eficiente e desenvolvido.

CONCLUSÃO

Progresso, em nosso entendimento, progresso positivo, é um movimento que vai do menos ao mais e do menor ao maior, e é com este sentido que devemos entender Adam Smith. A noção de progresso é uma noção abstrata que não leva em consideração qualquer conotação qualitativa e moral. Não faz sentido nesta definição, portanto, qualquer julgamento sobre a qualidade moral do progresso em Adam Smith. Ainda que seja difícil uma análise do progresso humano destituída de preconceitos morais e ideológicos, foi com este sentido científico e imparcial que Adam Smith pretendeu compreender a sua época.

A análise do progresso técnico em Smith pode ser comparada com a análise do desenvolvimento dos organismos vivos que se realiza através do mecanismo da divisão e reprodução celular. O mundo moderno, com sua ampla variedade de profissões e produtos, se assemelha, assim, ao corpo de um organismo

mais complexo desenvolvido a partir de múltiplas e sucessivas divisões celulares de um organismo mais simples. A partir de um organismo embrionário e primitivo de produção e através do mecanismo da repartição, da especialização e da divisão social do trabalho, o homem se desenvolveu, então, lentamente na história, mediado por uma longa série de estágios sucessivos, até atingir a forma atual e mais desenvolvida do mundo moderno.

Adam Smith não estava preocupado em defender melhores condições de vida a esta ou aquela classe da sociedade em particular, ainda que tradicionalmente seja acusado de teorizar a sociedade a partir do ponto de vista liberal e burguês. Smith estava preocupado em desvendar os mistérios da produção nacional da riqueza, da riqueza que possa ser usufruída amplamente pela sociedade e, para esta finalidade, como entendemos, tornou-se fundamental o desenvolvimento das forças produtivas desta riqueza, tornou-se fundamental o desenvolvimento da técnica, do domínio racional do homem sobre as forças vivas e mecânicas da natureza e da divisão social do trabalho.

O esquema evolutivo da técnica em Adam Smith é um esquema que se ajusta inteiramente aos movimentos observados na história. Sua análise das condições de trabalho no campo, onde predomina a baixa divisão do trabalho, em comparação com as condições da cidade, onde predomina a mais ampla divisão, o leva necessariamente a se colocar ao lado do progresso representado pela vida urbana e pelo comércio presente nestas cidades. No campo não há

cultura nem progresso econômico porque nele a vida humana está completamente submetida às condições indomáveis da natureza. Para que o homem se torne efetivamente homem, será preciso romper com a naturalidade e a rudimentariedade da vida rural, segundo o entendimento de Smith, será preciso romper com o modo de vida passivo e contemplativo do campo e submeter as forças desordenadas da natureza às forças vivas e conscientes da técnica, da ciência e do trabalho.

Como temos visto, em Smith, a análise científica da técnica articula-se intimamente com a análise da história, da economia, das trocas e da natureza humana, ou, ao menos, com a natureza do homem moderno, com a natureza do empresário capitalista. Em sua visão, o homem moderno, o homem que ele toma por universal, o empresário capitalista, é o homem que deseja enriquecer através da troca. Na concepção de Smith, a natureza da técnica e a natureza humana articulam-se, então, intimamente.

Para o mundo antigo, e para aqueles românticos que o tomam como modelo, a troca deveria ser realizada em vista do outro, em vista do comprador, e nunca em vista do mesmo e do vendedor. As trocas, segundo Aristóteles, por exemplo, deveriam ser reguladas por um princípio ético, pelo princípio que visa o bem do outro e não o bem próprio. Na visão aristotélica, a ética do mercado estava predeterminada pela ética dos agentes da troca. Na visão moderna de Smith, pelo contrário, a justiça das trocas não dependeria em nada da justiça e da moralidade dos agentes, do vendedor e do comprador. Em sua visão, a justiça das trocas

estava garantida por uma justiça imanente à própria liberdade de mercado.

Nesta visão, ser justo, ou seja, não lograr nem desejar mais do que lhe é devido, é um princípio imanente ao mercado, pois nele sobrevivem apenas aqueles que agem justamente, aqueles que, mesmo contra sua vontade e seus desejos imediatos, agem em vista do bem alheio. Nesta visão smithiana, portanto, a técnica moderna, mesmo sendo desenvolvida em vista dos interesses do patrão e do comerciante, carrega em si mesmo um princípio ético, o princípio de produzir sempre mais mercadorias, sempre mais variedades, sempre mais utilidades, sempre mais em vista dos desejos e dos gostos do comprador, sempre mais em vista do maior número de pessoas e clientes. Por isso, não faz sentido criticar o mercado e a técnica moderna a partir da ética, porque, em comparação com os sistemas de produção anteriores ao capitalismo, a técnica moderna produz uma variedade cada vez maior de mercadorias, sempre mais baratas e relativamente mais acessíveis a todos os compradores indistintamente. Não faz nenhum sentido, por isso, acusar a técnica, seja ela moderna ou não, por não elevar nem educar moralmente o homem. À técnica, seja ela qual for, compete apenas satisfazer os desejos e demandas do consumidor por bens materiais. Não é papel da técnica, portanto, desenvolver as faculdades morais do homem, a ela compete apenas aperfeiçoar o domínio humano sobre a natureza.

O mundo moderno, o mundo do nosso tempo, o mundo que se abriu para o estrangeiro a partir da

queda da Idade Média, como afirmava Smith, é um produto da técnica, das várias técnicas humanas em seu conjunto, é um produto do progresso da razão humana, tanto prática quanto teórica, da razão humana dedicada ao trabalho e à ciência, da razão humana dedicada ao conhecimento e ao domínio da natureza, da razão humana que não se detém diante de nada, da razão que não encontra limites, nem dentro nem fora dela mesma.

O mundo moderno, por este motivo, segundo a análise de Smith, é incompatível com o desejo romântico e nostálgico de retornarmos ao passado e de vivermos uma vida de atraso, de vivermos uma vida submetida aos movimentos inconstantes da natureza. O mundo moderno, por isso, é inteiramente incompatível com os desejos românticos de certos filósofos da técnica que, por temerem as incertezas do futuro, por temerem as forças representantes do porvir, preferem agarrar-se às forças retrógradas do passado, preferem agarrar-se à teologia, ao misticismo e ao animismo e dirigir improdutivamente seu gênio e seu intelecto em vista da recuperação deste passado.

O mundo e a técnica moderna são incompatíveis com todos aqueles que preferem consumir suas energias e suas vidas em vista da recuperação nostálgica de um passado romantizado e idealizado, em vista da recuperação, ainda que somente imaginária, de um passado atrasado e completamente destruído pelas forças revolucionárias desencadeadas a partir da emergência da modernidade.

Na perspectiva smithiana, o par técnica e mercado forma um casal que se une sempre em vista do outro, sempre em vista do mercado comprador, sempre em vista dos desejos do cliente, ainda que este sempre em vista do outro seja acompanhado pelo enriquecimento do empresário capitalista. A técnica moderna, como demonstra claramente Smith, visa apenas saciar os desejos de consumo e o bem-estar material do consumidor. A técnica moderna não visa sublimar nem emancipar o homem da desmedida de seus desejos. A técnica moderna, por esse motivo, é inseparável do mercado e da produção de mercadorias.

Por isso, de acordo com a demonstração de Smith, se desejamos um novo modo de operar a natureza, um novo modo de vida, uma nova moral e uma nova técnica, devemos desejar também, por consequência, a criação de um novo mundo e de novos agentes econômicos. Não dá para desejar romanticamente uma nova técnica, uma nova ciência e uma nova mecânica, desejando conservar ao mesmo tempo os elementos que estão intimamente associados ao mundo moderno: o mercado, a mercadoria, o dinheiro, o empresário e o modo de vida capitalista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**: investigação sobre a natureza e suas causas. v. I e II. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas).

_____. **An Inquiry into the nature and causes of the Wealth of Nations** [WN]. v. I. Indianapolis: Liberty Classics, 1981.